



Educação Superior A Distância Na Área De Gestão De Pessoas: Práticas Tutoriais Eficientes

Edí Marise Barni¹
Diego da Silva²

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo descrever alguns tópicos das práticas tutoriais na educação superior dentro das áreas de gestão de pessoas, por exemplo, práticas tutoriais, comunicação e autonomia do aluno, andragogia e comunidades de aprendizagem. Para tanto foi realizada pesquisa de revisão narrativa de literatura em manuscritos publicados sobre a temática em destaque. No tocante ao ensino à distância, a comunicação entre professor e aluno é mais complexa. Geralmente nos cursos desta modalidade, em que os alunos assistem aulas por meio de aparelhos que utilizam tecnologia, na maior parte do tempo ocorre a transmissão de conhecimentos do professor para o aluno. Na área de gestão de pessoas este contato é essencial para permitir um bom treinamento e desenvolvimento dos colaboradores e potencializar o desempenho no trabalho. Alguns pontos que merecem um olhar mais profundo no ensino a distância na sua prática efetiva, é a falta de continuidade dos projetos, lembrança de insucessos passados, aplicação parcial do sistema, falta de formação específica dos docentes, altos índices de evasão nos cursos iniciais, materiais didáticos impróprios à continuidade dos currículos extremamente rígidos em seus conteúdos e nas formas de avaliação e pouca comunicação entre os participantes dos cursos. A partir destes pontos fica a proposta de buscarmos uma maior reflexão nestes aspectos.

Palavras-chave: Tutoria; Gestão de Pessoas; Educação.

Received 06 Jan., 2023; Revised 17 Jan., 2023; Accepted 19 Jan., 2023 © The author(s) 2023.
Published with open access at www.questjournals.org

I. INTRODUÇÃO

Com a constante mudança as instituições de ensino a distância não podem ignorar mais a necessidade em atender o aluno com competência e qualidade. Os ambientes virtuais de aprendizagem têm ganhado cada vez mais espaço na sociedade, seja em escolas, organizações em geral. O ensino a distância hoje não é mais um modismo e sim uma realidade.

Nesse sentido, a questão norteadora de investigação foi descrever a importância das práticas tutoriais, a partir de leituras realizadas. Para esta produção do conhecimento seguimos as seguintes etapas:

1ª etapa: levantamento da bibliografia;

2ª etapa: leitura e resumo das bibliografias;

3ª etapa: produção do conhecimento.

O desafio foi mostrar a importância das práticas tutoriais na educação superior à distância, como forma de potencializar a aprendizagem. A educação a distância acontece e se expande cada vez mais, desde o mundo corporativo a educação em geral.

O nosso objetivo é descrever alguns tópicos das práticas tutoriais na educação superior dentro das áreas de gestão de pessoas, por exemplo, práticas tutoriais, comunicação e autonomia do aluno, andragogia e comunidades de aprendizagem.

¹Pedagoga e psicóloga. Mestre em Educação pela PUC PR. Docente da Prefeitura de Curitiba; Unicesumar; Uniandrade e Uniensino.

²Psicólogo, mestre em Medicina Interna pela UFPR. Docente da Uniensino.

II. PRÁTICAS TUTORIAIS

A presença e mediação realizada por tutores na Educação a Distância (EAD) é essencial para o sucesso de um curso e, conseqüentemente, aprendizagem dos alunos. Mediar, neste contexto significa ajudar os alunos a superar as dificuldades, os estimulando a fazer pesquisas que não se restrinjam ao material de estudo e propondo práticas que vão além da mera presença do tutor em sala no momento das aulas.

As práticas tutoriais podem ser ações individuais dos tutores que culminam em momentos de aprendizagens. Elas podem acontecer com todos os alunos de um curso, com um grupo de alunos, ou então, individualmente.

Devido às diferenças regionais, geográficas e culturais não há práticas tutoriais que se apliquem irrestritamente em todas as situações. Desta forma a participação dos tutores se torna fundamental, no sentido de refletir e colocar em ação uma prática tutorial que esteja de acordo com a realidade do pólo de apoio presencial em que atua.

2.1 COMUNICAÇÃO E AUTONOMIA DO ALUNO

Para Brito , citando Cherry, comunicação é o:

Estabelecimento de uma unidade social entre seres humanos, pelo uso de signos de linguagem. A compartilha de conjuntos comuns de regras, para várias atividades que visam um objetivo. (...) Toda comunicação procede por meio de signos, com os quais um organismo afeta o comportamento do outro (ou, de modo mais geral, o estado do outro). (...) Comunicação não é a resposta em si mesma, mas é essencialmente a relação que se estabelece com a transmissão do estímulo e a evocação da resposta. (2008, p.5)

Segundo essa mesma autora, para que ocorra comunicação é necessário que seja emitida uma mensagem e que em seguida haja uma resposta. Caso ocorra somente o envio da mensagem, sem retorno, o que acontece é apenas fornecimento de informações.

No tocante ao ensino à distância, a comunicação entre professor e aluno é mais complexa. Geralmente nos cursos desta modalidade, em que os alunos assistem aulas por meio de aparelhos que utilizam tecnologia, na maior parte do tempo ocorre a transmissão de conhecimentos do professor para o aluno.

Nesse sentido, a comunicação deve se dar em outros momentos, como por exemplo, com o tutor em horários diferentes das aulas ou com o professor utilizando ambientes virtuais ou outras tecnologias.

Essa comunicação deve, de acordo com Brito (2008, citando Morais Filho, 2007), ser “controlada para evitar as distorções que podem decorrer” devido ao distanciamento físico, pois este é um fator que faz com que o professor de EAD não consiga perceber as reações dos alunos frente às informações fornecidas, sendo fundamental a percepção e ação do tutor no sentido de repassar ao professor as suas impressões em relação ao ambiente de sala de aula. De acordo com Moore e Kearsley (2007), citados por Brito (2008),

Os alunos muitas vezes são mais defensivos quando assistem ao curso de um professor que não é visto do que seriam em uma aula convencional, mas dificilmente expressam essa inquietação. Alguns alunos buscam abertamente um relacionamento dependente com o professor, ao passo que outros são visivelmente independentes, e a maioria se posiciona entre os extremos. (p.6)

Nesse sentido, o tutor deve tentar desenvolver a máxima autonomia nos alunos sem esquecer que muitos precisam de apoio motivacional.

Ser autônomo, de acordo com Piaget, citado por Brito (2008, p.7), “significa estar apto a, cooperativamente, construir o sistema de regras morais e operatórias necessárias à manutenção de relações permeadas pelo respeito mútuo”.

Nesse contexto, as instituições de EAD devem primar pelo desenvolvimento da autonomia dos alunos elaborando planejamentos que permitam ao aluno adquirir esse tipo de competência. Segundo Morais Filho (2007), citado por Brito (2008), o planejamento,

exige uma seleção criteriosa e adequada dos conteúdos programáticos, dos recursos e dos materiais a serem incluídos no curso. Esta, sem dúvida, é uma tarefa que exige tempo, reflexão, redirecionamentos, estudo das características do aluno e do meio onde ele vive. Exige adequação e controle. Exige, sobretudo, o acompanhamento contínuo e, portanto, um diálogo constante entre o professor, o tutor e o aluno e uma avaliação contínua imprescindível.(p.9)

Levando em conta esse cenário, todos os sujeitos envolvidos no processo educativo devem entender que ensinar não se restringe a transmitir conhecimentos, mas que, além disso, é criar possibilidades para que os alunos sejam mais autônômos, críticos e saibam trabalhar com as informações fornecidas pelo professor de modo que consigam, por si mesmos, produzir e construir seus conhecimentos.

2.2 PRÁTICAS TUTORIAIS NA GESTÃO DE PESSOAS

As práticas tutoriais, podem ser criadas através de projetos com o objetivo de potencializar a aprendizagem dos alunos. Segundo Perrenoud (2000) acompanhar a administração e a progressão da aprendizagem mobiliza cinco competências:

- a) Conceber e administrar situações problemas;
- b) Ter uma visão longitudinal dos objetivos da instituição;
- c) Apresentar ligação entre teorias e as atividades do processo de ensino;
- e) Ter uma abordagem formativa para poder avaliar o processo ensino - aprendizagem dos alunos;
- f) Realizar uma avaliação periódica das competências e tomar decisões progressivas.

Cada uma delas deve ser trabalhar interligada com as demais, para que a instituição de ensino tenha uma visão macro e micro da situação, a partir disso criar planos de ações a partir de projetos. Esses planos de ações devem ser criados dentro de um panorama, respeitando o projeto político pedagógico e o contexto onde instituição está inserida. Não podemos tomar decisões isoladas, ao acaso sem dados dentro de um estudo sistemático e fundamentado. No quadro abaixo mostramos um modelo de plano de ação.

O QUE	QUEM	QUANDO	ONDE	PORQUE	COMO
Que ação vai tomar	O responsável	Data	Local	Justificar	O passo a passo

Quadro 1 – Plano de ação

Você pode criar outros roteiros de plano de ações, lembrando sempre em determinar quem vai realizar e data da ação, para não ficar no esquecimento. É comum nas organizações realizarem reuniões e discussões, para buscar soluções aos problemas e depois nada ser feito.

A partir do levantamento das dificuldades dos alunos criarem possibilidades de trabalhos com as sugestões de todos. Perrenoud (2000) apresenta algumas sugestões como:

- a) Trabalhar a partir da representação dos alunos;
- b) Desenvolver atividades tomando como leitura os erros e os obstáculos de aprendizagem dos alunos;
- c) Administrar as situações problemas através dos níveis dos alunos e as suas possibilidades;
- d) Ter uma avaliação dos alunos através de uma abordagem formativa;
- e) Apresentar trabalho integrado;
- f) Desenvolver trabalhos com alunos com grandes dificuldades;
- g) Suscitar o desejo de aprender do aluno;
- h) Explicitar a relação com o saber no aluno;
- i) Desenvolver no aluno a capacidade de auto-avaliação;
- j) Favorecer um projeto pessoal de cada aluno.

Neste sentido, todos devem se unirem para criar práticas tutoriais em um ambiente de harmonia e com propostas que trabalhem para evolução do ensino com competência e qualidade.

A partir dessa prática você vai criando um clima de confiança e liberdade de expressão, onde a pessoa sente-se realmente acolhida. A pessoa sente-se genuinamente aceita, compreendida, respeitada e, freqüentemente aliviada de sentimentos dolorosos ou difíceis.

Lembrando que práticas podem ser desenvolvidas de várias formas, desde uma visita técnica, seminário, leitura de um livro para debate, aula dialogada sobre o assunto determinado, nivelamento de algum assunto que os alunos tenha dificuldade e outras.

2.3 ANDRAGOGIA

A andragogia é a disciplina que estuda a educação e a aprendizagem de adultos. A Andragogia destina-se aos adultos, é centrada no processo de aprendizagem facilitando e introduzindo como uma maneira de estimular alunos e profissionais que queiram melhorar suas habilidades de aprendizagem.

É cada vez mais imprescindível para criar chances na vida profissional, ressaltarmos que a educação a distância esta oferecendo uma nova modalidade educacional, para o aperfeiçoamento científico pedagógico desse aluno.

Na andragogia o desafio ético na educação a distância se torna mais agudo diante do desafio, o aluno precisa pensar e aprender, ter sempre essa linha de pensamento como se trata da formação do sujeito, a construção crítica e criativa do conhecimento é fator essencial e instrumental na aprendizagem.

Temos muitas teorias que discutem o processo de ensino aprendizagem, não vamos entrar nesta questão. A aprendizagem para Davis e Oliveira (1990, p.11) é a,

apropriação ativamente do conteúdo da experiência humana, daquilo que o seu grupo social conhece. Para que se aprende precisa interagir com outros seres humanos. Nas inúmeras interações em que se envolve desde o nascimento, a pessoa vai gradativamente ampliando suas formas de lidar com o mundo e vai criando significados para as suas ações [...].

Uma das teorias bastante enfatizadas no processo de aprendizagem são as bases epistemológicas a teoria do conhecimento. A idéia básica desta linha de estudos psicológicos começa com a aceitação da aprendizagem pela interação.

O homem se relaciona com os outros homens, na condição de sujeito, de construtor da cultura e do conhecimento, com o meio e com os objetos que pela interação todos são alterados, os sujeitos o meio e os objetos. Se aceita a idéia do movimento, da transformação, isto é da dialética. O conhecimento é visto como processo e o desenvolvimento do ser humano são estruturados em etapas, que não são estanques e nem lineares.

O aluno não é tão somente o sujeito da aprendizagem, mas, aquele que aprende junto com o outro como: valores, linguagem e o próprio conhecimento. A formação de conceitos espontâneos ou cotidianos desenvolvidos no decorrer das interações sociais, diferenciam-se dos conceitos científicos adquiridos pelo ensino.

A aprendizagem é fundamental no desenvolvimento dos processos internos na interação com outras pessoas como: responsabilidade imposto pela necessidade profissional, maior independência devido sua vivência social ou profissional, maior responsabilidade, capacidade de enfrentar os desafios impostos pelos problemas que vivencia em sua vida pessoal e profissional.

2.4 COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM

A educação à distância, embora tenha sua origem no século XVIII nas experiências de educação por correspondência, consolida-se hoje em todos os níveis de ensino, por intermédio de grandes instituições espalhadas por mais de 80 países, seja na formação de professores, seja na formação e/ou capacitação de outros profissionais das áreas públicas e privadas.

O surgimento do rádio, da televisão e, mais recentemente, o uso do computador como meio de comunicação vieram marcar a dinâmica ao ensino à distância. Cada um desses meios introduziu um novo elemento ao EAD:

- a) O rádio permitiu que o som (em especial a voz humana) fosse levado a localidades remotas;
- b) A televisão permitiu que a imagem fosse, junto com o som, levada a localidades remotas. Assim, agora uma aula quase inteira englobando todos os seus componentes audiovisuais;
- c) O computador permitiu que o texto fosse enviado com facilidade a localidades remotas ou fosse buscado com facilidade em localidades remotas. O correio eletrônico permitiu que as pessoas se comunicassem assincronamente, mas com extrema rapidez. Mais recentemente, o aparecimento de "chats" ou "bate-papos" permitiu a comunicação síncrona entre várias pessoas. E, mais importante, a Web permitiu não só que fosse agilizado o processo de acesso a documentos textuais, mas hoje abrange gráficos, fotografias, sons e vídeo.

Não só isso, mas a Web permitiu que o acesso a todo esse material fosse feito de forma não-linear e interativa, usando a tecnologia de hipertexto. O primeiro computador foi revelado ao mundo em 1946, mas foi só depois do surgimento e do uso maciço de microcomputadores (que apareceram no final de 1977) que os computadores começaram a serem vistos como tecnologia educacional. A Internet, embora tenha sido criada em 1969, só explodiu no mercado mesmo nos últimos cinco anos, quando foi aberta para uso comercial (pois antes servia apenas a comunidade acadêmica);

A convergência de todas essas tecnologias em um só mega-meio de comunicação, centrado no computador, e, portanto, interativo, permitiu a realização de conferências eletrônicas envolvendo componentes audiovisuais e textuais.

Há uma conexão conceitual entre educação e aprendizagem: não há educação sem que ocorra aprendizagem. A aprendizagem, por seu lado, pode resultar de um processo "de fora para dentro" (como o ensino) ou de um processo gerado "de dentro para fora" (autoaprendizagem, ou aprendizagem não decorrente do ensino).

Pode-se ensinar e aprender tantas coisas valiosas como coisas sem valor ou mesmo nocivas. A educação, porém, é educar (alguém ou a si próprio), por definição, fazer algo que é considerado moralmente correto e valioso. Mesmo quando a aprendizagem é decorrente de um processo bem-sucedido de ensino, ela ocorre dentro do indivíduo, e o mesmo ensino que pode resultar em aprendizagem em algumas pessoas pode ser totalmente ineficaz em relação a outras.

Por causa disso, e do nexos conceitual entre educação e aprendizagem, tem havido autores que negam que possam educar uma outra pessoa. Paulo Freire (1999), em *Pedagogia do Oprimido*, afirma que "ninguém educa ninguém" – embora acrescenta que ninguém se educa sozinho. Segundo essa visão, a educação, como a

aprendizagem, de que ela depende, é um processo que ocorre dentro do indivíduo, e, que, portanto, só pode ser gerado pela própria pessoa.

Aqui começa uma grande história de desconstrução. As velhas seguranças tombam uma a uma e os alunos se mobilizam para a investigação e a problematização, alicerçados no desenvolvimento de projetos, solução de problemas e reflexões individuais e coletivas. Essa é uma das marcas históricas da nova cultura docente e discente de EAD: a aprendizagem emerge com um processo de construção do aluno – ator e responsável por esse processo e o professor, além de promover a participação, a comunicação, a interação e o confronto de idéias dos alunos, ele também tem sua autoria. (MARTINS, 2002, p.29)

Nesse entendimento, as novas tecnologias e técnicas de ensino, bem como os estudos modernos sobre os processos de aprendizagem, fornecem recursos mais eficazes para atender e motivar os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Porém, para muitos educadores, esses recursos ainda apresentam-se como companheiros estranhos, embora se reconheça que a sua utilização no processo está se tornando cada vez mais relevante. Assim, é necessária a presença desses recursos nos cursos de formação de professores e/ou como meio pedagógico para potencialização de competências e habilidades.

As ferramentas utilizadas na comunidade virtual de aprendizagem são dispositivos de comunicação virtual de interatividade na Educação a Distância, tem atingido espaços significativos no contexto nacional e apresenta novas metodologias de construção do conhecimento são predominantemente escritas. Por enquanto escrevem mensagens, respostas, simula uma comunicação falada. Esses chats e fóruns permitem contatos a distância, podem ser úteis, e fundamental que o aluno saiba gerir bem o seu tempo e enfrentar os desafios e as dificuldades surgidas com otimismo e disposição de aprender.

Rheingold é um dos primeiros autores a efetivamente utilizar o termo ‘comunidade virtual’ para designar uma comunicação humana mediatizada pelo computador. Para ele, as "comunidades virtuais são os agregados sociais surgidos na Rede”.

Comunidades virtuais são os agregados sociais surgidos na Rede, quando os intervenientes de um debate o levam por diante em número e sentimento suficientes para formarem teias de relações pessoais no ciberespaço (Rheingold 1996: pg. 18).

Na Educação a distância para utilizar comunidade virtual de aprendizagem é necessária a utilização de diversas ferramentas que estão divididas em síncronas e assíncronas. Nas síncronas a interação ocorre em tempo real, simultaneamente, ou seja, o aluno e professor interagem no mesmo momento cronológico.

A exemplo dessas ferramentas, temos o Chat ou Bate-papo, nos quais os participantes, com novas identidades, enviam e recebem mensagens coletivamente ou até mesmo reservadamente.

III. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta produção do conhecimento, podemos perceber a importância das práticas tutorias como forma de potencializar a aprendizagem. O aluno a distância necessita receber apoio para poder acompanhar com segurança as aulas.

Neste contexto podemos encontrar nas leituras realizadas, que hoje a educação a distância tem crescido significativamente na sua oferta, e nas avaliações a nível nacional o desempenho dos alunos tem surpreendido de forma positiva, porém necessita buscar mecanismos que diminua a evasão, que ainda é um número significativo.

Neste sentido as práticas tutoriais podem ser uma forma positiva de diminuir a evasão, pois um dos motivos alegados pelos alunos é que não conseguem acompanhar as aulas de forma efetiva.

Alguns pontos que merecem um olhar mais profundo no ensino a distância na sua prática efetiva, é a falta de continuidade dos projetos, lembrança de insucessos passados, aplicação parcial do sistema, falta de formação específica dos docentes, altos índices de evasão nos cursos iniciais, materiais didáticos impróprios à continuidade dos currículos extremamente rígidos em seus conteúdos e nas formas de avaliação e pouca comunicação entre os participantes dos cursos. A partir destes pontos fica a proposta de buscarmos uma maior reflexão nestes aspectos.

Este estudo foi de fundamental importância para nossa prática como tutores, pois podemos verificar o quanto tem que caminhar neste aspecto, principalmente para alcançarmos junto ao aluno a aprendizagem significativa.

REFERÊNCIAS

- [1]. BRITO, Gláucia da Silva; **Comunicação e Autonomia do aluno.** Disponível em <http://tead.grupouninter.com.br/claroline176/index.php>. Acesso em 20. Ago. 2008.
- [2]. BRITO, Gláucia da Silva; PURIFICAÇÃO, Ivonélia. **Educação e tecnologias: um re-pensar.** Curitiba, PR: Editora IBPEX, 2006.
- [3]. DAVIS, Claudia e OLIVEIRA, Zilma de. **Psicologia na educação.** São Paulo: Cortez, 1991.
- [4]. FREIRE, P.. **Pedagogia da autonomia.** São Paulo : Paz e Terra, 1999.
- [5]. MARTINS, O B. **A Educação Superior a Distância e a democratização do saber.** Petrópolis: Vozes, 1991.
- [6]. MATTA, Alfredo E. Rodrigues. **Transurbanidades e ambientes colaborativos em redes de computadores.** Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 11, n. 18, p. 383-389, jul/dez. 2002.
- [7]. MOORE, Michael; KEARSLEY, Greg. **Educação a distância: uma visão integrada.** (tradução Roberto Galman) São Paulo: Thomson Learning, 2007.
- [8]. MORAES, C. M. Novas tendências para o uso das tecnologias da informação e da comunicação na educação. In: FAZENDA, I. Et al. **Interdisciplinaridade e novas tecnologias.** Campo Grande: UFMS, 1999.
- [9]. MORAIS FILHO, Luiz Augusto de. **O que significa a autonomia do aluno de EAD fundamentada na flexibilidade do tempo e do espaço?** Disponível em <http://www.seednet.mec.gov.br/artigos/materia.php?id=2&codmateria=332>. Acesso em 04. Abr. 2008.
- [10]. MOSER, A., MUGNOL, M., ASSIS, C. **Tendências pedagógicas no mundo contemporâneo.** Curitiba: FACINTER, 2003
- [11]. MUCCHIELLI, R. **A Formação de Adultos.** S.Paulo: Martins Fontes. 1981.
- [12]. OLIVEIRA, Ari Batista de. **Andragogia, facilitando a aprendizagem.** Educação do Trabalhador, v.3, CNI-SESI, 1999.
- [13]. PALLOF, R.M. & PRATT, K. **Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço.** Porto Alegre: Artmed, 2002.
- [14]. PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar.** Tradução: Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre, 2000.